

Recordações e diálogos: entrevista com Ester Abreu Vieira de Oliveira

Recollections and Dialogues: Interview with Ester Abreu Vieira de Oliveira

André Tessaro Pelinser*
Letícia Malloy*
Vitor Cei*

A homenageada deste número da revista *Fernão* nasceu em Muqui (ES), em 1933. Nessa cidade do sul do Espírito Santo, Ester passou a infância na fazenda cafeeira do pai e concluiu o ensino secundário, à época sob a denominação de Ginásio e Curso Normal. Mudou-se para Vitória em 1956, para estudar na Universidade Federal do Espírito Santo, graduando-se em Letras Neolatinas em 1960.

Pesquisadora de língua espanhola, literaturas hispânicas e literatura brasileira, Ester Abreu especializou-se em filologia espanhola no Instituto de Cultura Hispânica de Madrid, em 1968, com bolsa do Ministério de Assuntos

* Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

* Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

* Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Internacionais da Espanha. Em 1983, concluiu o Mestrado em Língua Portuguesa na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, em Curitiba. Em 1994, doutorou-se em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em 2003, fez pós-doutorado em Filologia Espanhola e Teatro Contemporâneo na Universidad Nacional de Educación a Distancia, em Madrid, com bolsa do Ministério de Assuntos Estrangeiros da Espanha.

A professora Ester Abreu trabalhou na educação básica estadual entre 1952 e 1981. Começou a lecionar na Ufes em 1965, aposentou-se em 1996, foi agraciada com o título de Professora Emérita em 2018 e atualmente ainda trabalha na universidade, voluntariamente, como docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras. Ao longo de sua carreira, foi também professora e diretora de pesquisa e pós-graduação do Centro de Ensino Superior de Vitória. Coordenou eventos e publicações de obras e participa de conselhos editoriais no Brasil e no exterior.



Ester Abreu Vieira de Oliveira (Foto de José Magnago).

Atualmente, Ester Abreu é presidente da Academia Espírito-santense de Letras. Também pertence à Academia Feminina Espírito-santense de Letras, ao Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, à Associação Brasileira de Hispanistas, à Asociación Internacional de Hispanistas e à Associação de Professores de Espanhol do Espírito Santo.



ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS



Ester Abreu

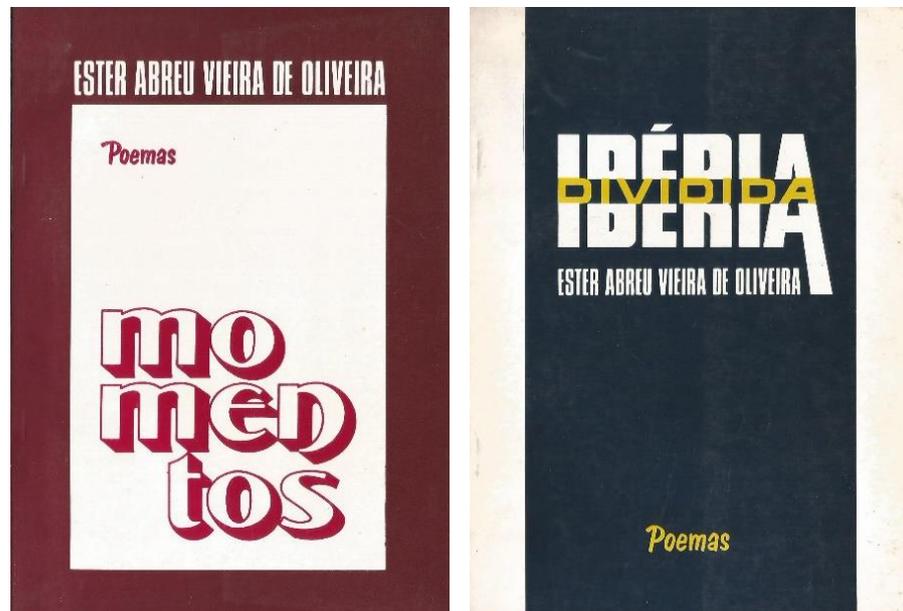
4ª ocupante

Ester Abreu Vieira de Oliveira nasceu em Muqui, em 31 de janeiro de 1933, filha de Ataulfo Vieira de Almeida e de Maria da Penha Abreu Vieira. Escritora, atua nas áreas de teatro, poesia e narrativa das literaturas brasileira e hispânica e é membro voluntário do colegiado do PPGL/UFES – Mestrado e Doutorado. Tem publicações de: poesia, ensaio, crônica, memória, infantil, didático, traduções e discurso. Terminou o ginásio e o normal em Muqui. Foi professora primária e secundária e é professora emérita da UFES. Graduada em bacharelato e licenciatura em Letras Neolatinas (Vitória, UFES). Especialista em Filologia Espanhola (Madri), com o texto: “Estudio comparativo de la sintaxis verbal portuguesa y española con especial atención al uso brasileño”. Especialista em Português Superior – Universidade de Lisboa. Mestrado em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, com a dissertação: “Alguns aspectos do possessivo português em confronto com o espanhol”. Doutorado em Letras Neolatinas – Língua Espanhola e Literaturas Hispânicas, pela Universidade

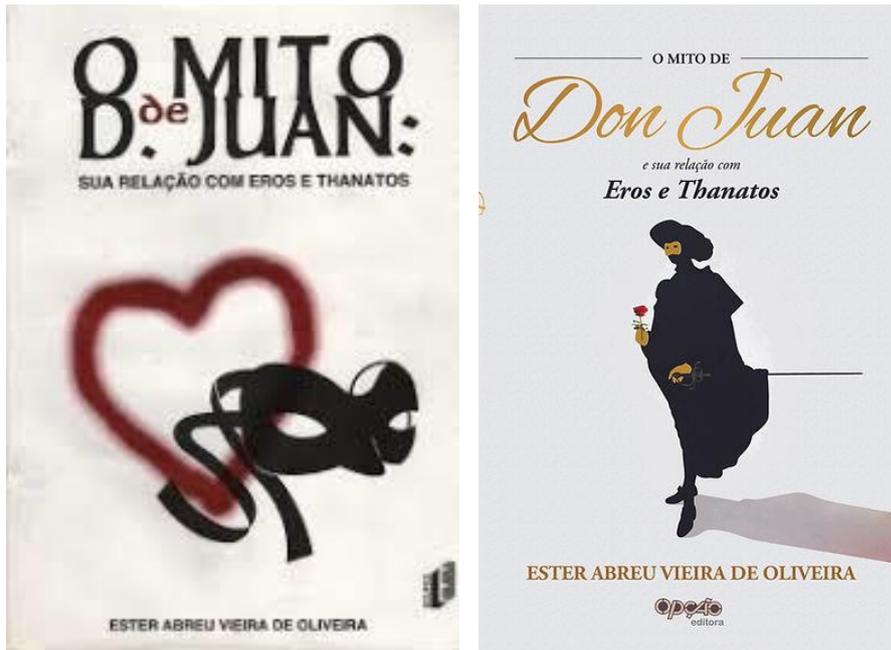
Página da Academia Espírito-santense de Letras com informações sobre Ester de Oliveira.

Dentre os inúmeros prêmios recebidos, destacam-se a Comenda Rubem Braga, concedida pelo governo estadual, e homenagens na Embaixada de Cuba, na Assembleia Legislativa do Estado do Espírito Santo, no Tribunal de Contas do Estado do Espírito Santo e nas Câmaras Municipais de Cariacica, Serra, Vila Velha e Vitória.

Autora de vasta obra literária e acadêmica, publicou mais de uma centena de artigos e dezenas de livros, dentre os quais destacamos *Português para estrangeiros* (Edição da autora, 1981), *Momentos* (Fundação Ceciliano Abel de Almeida [FCAA]/Ufes, 1988), *Iberia Dividida* (FCAA/Ufes, 1988), *O mito de Don Juan* (Edufes, 1996), *Metapoemas* (Opção, 2017), *O lagarto amedrontado do jardim* (Opção, 2018), *O coelhinho e a onça* (Cajuína, 2019) e *Uma família feliz* (Formar, 2019).



Capas de livros de poemas de Ester de Oliveira.



Capas de livros de ensaio de Ester de Oliveira.

A entrevista online estruturada que segue, atividade do projeto de pesquisa interinstitucional (Ufes/UFRN) “Notícia da atual literatura brasileira: entrevistas”, foi originalmente concedida a Letícia Malloy, André Tessaro Pelinser e Vitor Cei em junho de 2020 e publicada no livro *Notícia da atual literatura brasileira II: entrevistas* (Cousa, 2021). Esta versão foi revista e atualizada entre fevereiro e março de 2022 para publicação neste número da *Fernão*.

Seguindo um conjunto sistematizado de questões, estruturadas a partir de um roteiro previamente estabelecido, enviado e respondido por e-mail, registramos o posicionamento de Ester Abreu Vieira de Oliveira em relação a temas fundamentais para a discussão da vida literária contemporânea, como a “nebulosa biográfica” (BARTHES, 2005, p. 168), isto é, os trânsitos e as interseções entre vida e obra, as negociações entre seus agentes (autores, leitores, editores, críticos, tradutores), os fluxos migratórios e os processos de desterritorialização, as questões de gênero, o machismo e outros fatores que têm produzido impactos sobre o campo literário do Espírito Santo e do Brasil.

Esta entrevista soma-se às outras que vêm sendo publicadas desde o primeiro número da *Fernão*, como uma espécie de mapeamento em curso da história da

literatura contemporânea feita no Espírito Santo e como registro do que os autores homenageados pensam e escrevem, “ampliando, dessa forma, o horizonte de leitura das obras”, como observa Rita Olivieri-Godet (2020, p. 5) a respeito do projeto “Notícia da Atual literatura brasileira: entrevistas”.

N.A.L.B.: Cada escritora possui um método e estilo de trabalho próprios. Em sua escrita literária, percebe-se uma característica marcante, que o professor Francisco Aurelio Ribeiro, em discurso durante a cerimônia em que a senhora foi empossada como membro da Academia Espírito-santense de Letras, em 1996, qualifica como uma “poética da esperança, da simplicidade, do sentimento”. A senhora poderia comentar as opções formais e temáticas que norteiam seu projeto literário?

E. A.: Há dois tipos de produções minhas: a estética e a didática. Dois gêneros me absorvem: poesia e teatro. Eles me levam a ler e a escrever (falar) sobre as obras que me tocaram a sensibilidade ou aquelas em que procuro desvendar pela leitura o objetivo do autor.

Nunca escrevi uma obra dramática. Só sou leitora. Quanto à poesia, produzo pela carga de beleza nas imagens, musicalidade e sentimentos. Num poema posso tentar extravasar a dor, a emoção, a alegria, sentimentos vários sobre a arte e a vida. Não sei se faço um poema bem ou mal. Mas algumas vezes gosto de um poema meu. Creio que foram os poetas parnasianos e os românticos que me levaram a gostar de poesia. Nessa forma desejo sempre tentar, vamos dizer, expressar sentimentos, alguns secretos, que as imagens encobrem.

Nunca escrevi um romance, seja por falta de tempo e/ou competência. Quanto às crônicas, elas me servem para lembrar fatos, afirmar ideias, conceitos, explicar uma situação.

Também, como sou leitora e devido à minha profissão, que busca ensinar e procurar fazer o outro identificar belezas de uma obra, produzo ensaios.

Como professora, também, dediquei-me ao tema didático e, como mãe e avó, ao infantil. Creio que por aí seguem os meus temas: anseios, emoções, frustrações, amizades, lembranças, vertentes poéticas de outros.

N.A.L.B.: Na crônica “Letras transformam a vida”, a senhora afirma ter crescido “ouvindo poemas ou lendo-os, antes mesmo de aprender a ler, porque meu pai levava suas filhas a memorizar poemas que recitávamos em público, em festas cívicas ou para os amigos que em nossa casa iam.” Entre as experiências de leitura e a escrita de textos próprios, em que momento a senhora se percebeu escritora? Ao longo dos anos, houve mudanças significativas em seu processo criativo?

E. A.: Nunca fui uma pessoa de produção aqui e agora, como ser escritora na infância e juventude. Possivelmente estive como a lagarta num casulo, em gestação. Mas foi-me dito “escritora” com mais de quarenta anos. E isso ocorreu por estímulos de outros. Foram eles que me fizeram escritora.

Ler, desde que aprendi, ou mesmo antes de aprender a ler, pois ouvia o que liam, é uma minha atividade constante. E ela sempre me provocou a ler mais e a sonhar em escrever. Eu devia ter menos de doze anos, talvez nove, eu ia à casa de uma vizinha tagarelar e falar sobre os livros, os romances que havia lido (e muitos escondidos), lia tudo que me caía às mãos. E ela me dizia para eu escrever um romance. Mas por essa época escrevia cartas para meus avós e composições no colégio. Com treze, preenchi em uma caderneta pensamentos retirados de um retiro religioso e ideias, desejos. Com quinze, fiz um poema: TU. Ao lê-lo para o meu pai, dizendo-lhe que havia encontrado, ele me disse “Que porcaria”. Rasguei-o e só fui escrever poemas com mais de trinta anos, estimulada por um amigo e professor de literatura que dizia que eu era muito sensível, e passei a mostrar o que escrevia e ele gostava. Continuei escrevendo meus poemas, deixando-os num caderno, até que em 1988 publiquei alguns

poemas em dois livros, um em espanhol e o outro em português: *Momentos* (FCAA/Ufes, 1988) e *Iberia dividida* (FCAA/Ufes, 1988). A publicação de *Momentos* tem uma história por trás dela de cobrança de amigos e poetas. Foi aí, isto é, depois da publicação dessas duas obras, que foi dito que eu era escritora, pois escrevia e publicava em jornais, até de outros estados, em revistas e antologias de outros estados e em anais de congressos, mas esse epíteto de escritora foi só depois da publicação dessas obras poéticas.



Ester de Oliveira (Foto de Robson Maia).

Mas, em verdade, eu sou professora, esse é o título mais importante para mim. Tento dizer que sou escritora. Meu afã de professora me fez publicar (estimulada por colegas, que diziam que eu deveria dividir com outros o que levava para a sala de aula) livros e textos didáticos. Por exemplo, em 1981 foi publicado

Português para estrangeiros e bem antes já haviam sido impressos livros de exercícios em espanhol e de verbos. *Estudios de verbos comparativos* foi em 1968. (Eu não me esqueço dessas pessoas que carinhosamente acreditaram em mim e me valorizaram. Elas, talvez, nem se lembrem do fato.)

Quanto às mudanças na maneira de produção, são constantes. Tudo contribui. E o renovar é permanente em todos nós. Seja pela nossa vivência, experiência de leitura, estudos, críticas, e o nosso próprio temperamento nos traz esse afã. O que escrevo dou (antes de publicar) para amigos sinceros que releem e sempre me trazem novas aprendizagens. Depois, creio que nem familiares nem colegas leem. Uma e outra vez me enviam comentários que me encham de satisfação. Agora, como não dou aulas mais na graduação, abandonei os textos e obras didáticas e me dedico a ensaios, crônicas, livro infantil e a poesia.

N.A.L.B.: Seu trabalho possui amplo reconhecimento, como comprovam esta homenagem da revista *Fernão* e as diversas homenagens e premiações que tem recebido desde os anos 1980. Como a senhora vê a recepção de sua obra? O fato de viver em um estado que recebe pouca visibilidade na cena cultural brasileira influenciou a recepção?

E. A.: Creio que leio mais dos outros do que sou lida. Não sei se é porque sou mulher e com muitas tarefas sempre, e por elas absorvida, sem muita expressão política e social... Não penso que seja o Estado. É mesmo falta de propaganda. Às vezes no exterior elogiam e publicam textos meus. Mas isso ocorre quando algum conhecido os lê. Assim o que falta, em verdade, é divulgação. Para ser escritor é isso: internet, Facebook, jornais, revistas e, principalmente, leitor amigo com coragem de escrever sobre o que leu.

Recebi certa vez de uma importante escritora mexicana um comentário de três poemas meus, que foram publicados num livro na Argentina e que ela tinha lido, que me encheu de alegria, pois disse o seguinte sobre eles: "Interesantes tus poemas y plenos de imágenes y asociaciones maravillosas. Incalculable juego del

lenguaje”. Esses elogios, inesperados, que muitas vezes vêm de fora me emocionam.

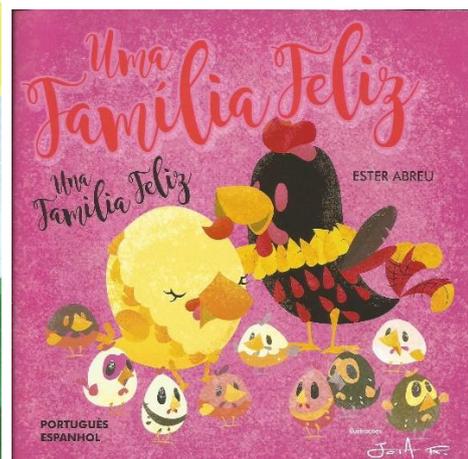
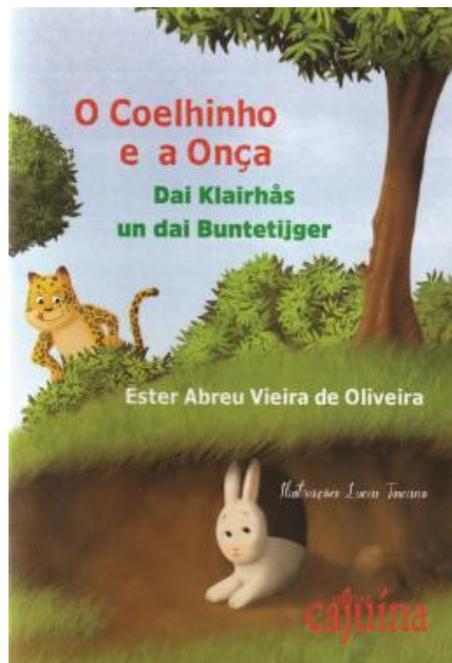
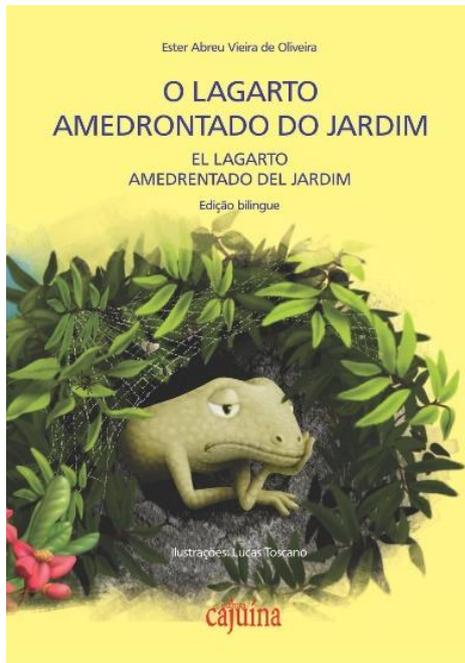
N.A.L.B.: Na crônica intitulada “Ponte da Aliança”, que se encontra no volume *Vitória – Poesia e História* (GM, 2013), lê-se: “As imagens do passado passam, como uma ponte, para o atual presente e, nesse ir e vir ressurgem outras imagens de pontes: a quase trágica, a angustiante-misteriosa e a alegre.” Em que medida a combinação ou sobreposição de imagens, personagens e costumes do interior capixaba e da ilha de Vitória participam de sua escrita criativa?

E. A.: O homem não é fruto de seu tempo e de seu ambiente? A atividade de quem escreve é uma forma de dialogar com as ideias, as recordações e visão do mundo. O texto precisa ter vida e para isso é necessário que o autor tenha vivido, sentido e sonhado por onde andou. É preciso que ele olhe o mundo que o envolve e o sinta em todo o seu aspecto: cor, cheiro e imagens. E tudo isso se extravasa quando se escreve. O que se escreve se revive, faz reviver e reexperimentar. Um acontecimento visto e lembrado esgota o poético. Então, pelo explicado, onde vivi e estou participam de minha “escrita criativa”, porque eles estão dentro de meu ser, fazem parte de meu inconsciente.

N.A.L.B.: Em livros voltados ao público infantil, como *O lagarto amedrontado do jardim* (Opção, 2018), *O coelhinho e a onça* (Cajuína, 2019) e *Uma família feliz* (Formar, 2019), verifica-se que a trama se desenrola no quintal das casas de avós. Embora as avós não participem diretamente dos eventos narrados, a simples referência a tais personagens parece se afigurar como uma espécie de salvo-conduto para que a ação possa ser iniciada. Como a senhora avalia a importância e o lugar das personagens idosas em seus textos e, de modo geral, na literatura infantil?

E. A.: Em toda história há um pouco de real e de imaginário, e minha casa é o centro do real, seja pelo espaço ou pelo calor humano. O fato é que, quando a

história foi contada a netos, eles gostaram (público apoiador), quando foi lida para crianças, também gostaram (público estimulador). Alguns leitores mirins chegaram a vir à minha casa e se emocionaram perguntando onde está isso ou aquilo. Mas, possivelmente, lá dentro de meu inconsciente, o arquétipo da anciã contadora de histórias remonta às lembranças que tenho de minha tia-avó, a que chamávamos Mãe Cínica. Creio que o contato com ela, principalmente, tenha soprado a permanência de pessoas simpáticas e idosas em meus contos.



Capas de livros para crianças de Ester de Oliveira.

Também, quando jovem, fui contadora de histórias para irmãos, primos e alunos, nas aulas de alfabetização. Quando as crianças entravam no colégio com sete

anos, espantadas pelo repentino ambiente, fora do lar, e tinha que distraí-las, inventava histórias.

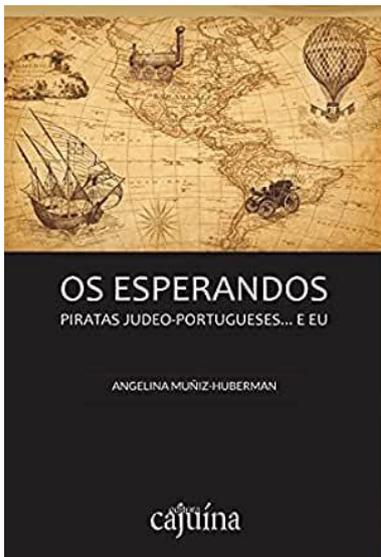
N.A.L.B.: A senhora já traduziu textos literários do espanhol para o português, dentre os quais podem-se destacar poemas de Santiago Montobbio e de Alfonso Vallejo. Também fez autotraduções do português para o espanhol, em livros bilíngues como *O coelhinho e a onça* (2019), *O lagarto amedrontado do jardim* (2018) e *Uma família feliz* (2019). Que concepção de tradução orienta seu trabalho? A senhora percebe traços em comum entre a tradução (como a senhora a pratica) e a escrita autoral? Qual é a função do bilinguismo literário em seu projeto ético-estético?

E. A.: 1) Concepção como a) gerar ou b) compreender? a) GERAR: para a escrita em espanhol há duas modalidades de escrita: nos livros infantis, nasce a história primeiro em português e depois vai para o espanhol. Na poesia em geral já sai o texto em espanhol. Em ensaio surge em espanhol e com palavras ou expressões em português para serem corrigidas. b) COMPREENDER: nas obras infantis busco expandir a leitura para os dois ou três falantes ou aprendizes. No poema e no teatro busco divulgar a obra e o autor. Pois um livro só tem valor se vai além dele.

2) No item 1. b) falo de expansão da produção e divulgação. Na tradução estão, naturalmente, a minha vivência e a minha percepção de mundo, que caracterizam a escrita autoral, embora não se possa deixar de reconhecer a marca do autor do texto de partida, que busco respeitar em meu trabalho de tradutora. A tradução de um teatro clássico poético difere de uma tradução de um poema moderno, pois é preciso atualizar a linguagem e adequar algum evento para que possa interessar ao público a que se destina, isto é, vai depender da finalidade da tradução.

Na tradução de um romance, como fiz com colegas em *Casa de Luco*, da autoria de Julio Camba, uma obra moderna, as adaptações foram mais suaves, enquanto

na peça clássica do *Retablo de las Maravillas*, de Miguel de Cervantes, as adequações à atualidade foram mais determinantes, devido a um maior afastamento social. Realizei com a amiga Mirtis Caser uma tradução do romance *Os esperandos, piratas judeu portugueses... e eu*, de uma autora mexicana [Angelina Muñiz-Huberman], cuja história ocorre no século XV, com muitas ações náuticas, e foram necessárias adaptações de linguagem para a compreensão do leitor atual e brasileiro.



Capa de uma das traduções de Ester de Oliveira.

3) O texto bilíngue tem uma função didática, além da estética. Como professora de língua estrangeira, tenho sempre como objetivo a sedução de jovens leitores para a aprendizagem de um novo idioma.

N.A.L.B.: Como pesquisadora e crítica literária, a senhora já publicou artigos e ensaios sobre as obras de José de Anchieta, Oscar de Almeida Gama Filho, Carlos Nejar, Roberto Almada, Frederico Garcia Lorca, Pablo Neruda, Torres Naharro, Tirso de Molina, Lope de Rueda, Lope de Vega, dentre outros. Em sua escrita criativa, com que autores brasileiros e estrangeiros a senhora procura estabelecer interlocuções?

E. A.: Sobre a interlocução, como já disse, sou essencialmente leitora e eu sou os livros que li, escrevo sobre o que li e nos meus textos estão intertextualmente

os meus autores mais queridos. Dada a minha dedicação durante a vida aos estudos da língua espanhola e da literatura em língua espanhola, eu diria que “converso” especialmente com os poetas hispânicos: García Lorca, Antonio Machado, Juan Ramón Jiménez, Rosalia de Castro, Gabriela Mistral, Pablo Neruda seriam talvez a minha inspiração. Mas os brasileiros Carlos Drummond de Andrade, Jorge de Lima e Cecília Meireles são modelos a seguir e a não esquecer poetas românticos e parnasianos, por exemplo, Castro Alves, Olavo Bilac, Fagundes Varela.

Como leitora, entre mim e o texto do outro procuro um diálogo. Busco compreender e dialogar com ele e me aproximar do “autor”, tentando desvendar o que quis dizer. E, como escritora (ensaísta), procuro falar com o meu “fictício leitor” as maravilhas do texto e sobre o que compreendi da mensagem do autor. Assim há um diálogo entre três, num ensaio.

N.A.L.B.: Diante do panorama da literatura brasileira atual, o que a senhora vê? Que autores e, especialmente, que autoras tem lido? Gostaríamos que comentasse sobre suas principais inquietações e estímulos em face da produção literária contemporânea, em língua portuguesa e em língua espanhola.

E. A.: Quanto à literatura produzida por mulheres, estou sempre lendo e relendo peças teatrais, contos ou romances, e sobre esse tema tenho escrito. Além disso, faço parte de grupo de pesquisa com este assunto. Gosto das narrativas de escritoras espanholas e portuguesas atuais e não deixo de deleitar-me com escritoras brasileiras. Li romances de Ana Maria Machado que retratam o ambiente político da ditadura militar, obras de Conceição Evaristo que mencionam problemas raciais, Lya Luft (*A casa inventada*), sobre preconceitos, várias obras ou quase todas de Clarice Lispector, algumas de Nélide Piñon, *O Quinze* e *Maria Moura* de Rachel de Queiroz. De Cleonice, só ensaios. Li, creio, todas as obras de Bernadete Lyra, algumas de Jô Drummond e três obras de Neida Lúcia. E outras aqui e ali que não me lembro agora. Tenho que, também, ler obras de literatura em língua espanhola, dos escritores (do Brasil e do

exterior) e a literatura produzida no Espírito Santo, por isso, falta-me e muito ler muitas escritoras brasileiras. Não tenho muito tempo. Sempre há uma lacuna na leitura. Tenho que ir dividindo o tempo, pois o campo literário do Brasil e do mundo está como infinito. Há romances muito extensos. Nesses, demoro mais. Quais os últimos romances escritos por mulher que li? Foi, se não me falha a memória, *Las hijas del capitán* e *Entre costuras e Sira*, de Maria Dueñas, *Los esperandos*, de Angelina Muñiz Huberman e *Passagens e Ulisses*, de Teolinda Gersão. Leio obras também de escritores para fazer comentários. Por exemplo, li um romance de um escritor nosso, o Praxedes, para fazer um breve gancho com obra de escritor médico e música. Leio e releio, frequentemente, obras de teatro clássico, para participar de congresso de hispanistas ou colaborar em alguma revista, e assim vou sucessivamente, lendo e me entranhando nos mais variados temas, técnicas e gêneros. Mas pelos últimos romances que li escritos por mulheres, observei que esses romances trazem novidades no aspecto formal, têm temáticas variadas dentro dessas novas técnicas. Há também uma tendência em apresentar o tema de despotismo político e de tratar de violência contra a mulher, tanto no teatro como no romance, e em abandonar os temas amorosos.

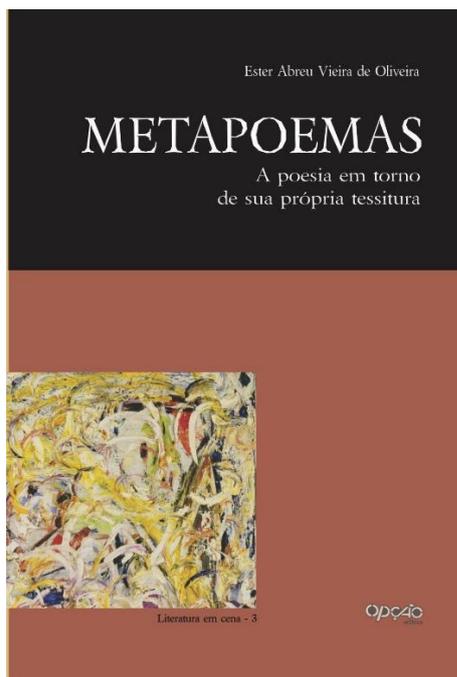


Ester de Oliveira (Fotos sem crédito).

N.A.L.B.: Na Apresentação de *Metapoemas – A poesia em torno de sua própria tessitura* (Opção, 2017), o professor Jorge Luiz do Nascimento destaca, enquanto traço importante de seu trabalho como pesquisadora e crítica, o esforço pela superação de fronteiras territoriais e a construção de análises da poesia lírica escrita em

espanhol a partir de diálogos transnacionais. Como a senhora avalia o papel e o espaço do crítico latino-americano na proposição de leituras capazes de questionar – ou mesmo de reinventar – as relações entre periferias e centros culturais hegemônicos?

E. A.: O crítico latino-americano tem um poder limitado de expansão, salvo se participa de fortes programas universitários internacionais ou jornalísticos.



Capa de *Metapoemas*, de Ester de Oliveira.

N.A.L.B.: Em maio de 2020, vários jornais publicaram notícias sobre Adriel Oliveira, um menino de apenas doze anos que divulga dicas de leitura em redes sociais e havia sido vítima de ataques racistas. A fim de encorajar Adriel a manter suas práticas de leitura e a divulgá-las, Marco Lucchesi, então presidente da Academia Brasileira de Letras, entrou em contato com Adriel e, em nome da ABL, doou livros ao garoto. Levando-se em conta a sua atuação como membro da Academia Espírito-santense de Letras e da Academia Feminina Espírito-santense de Letras, o que a senhora poderia comentar sobre a função social das Academias de Letras quanto ao fomento à leitura em um país onde o

número de leitores segue sendo pouco expressivo, se comparado a outros contextos?

E. A.: Creio que no Estatuto da Academia Espírito-santense de Letras (AEL) há o objetivo de divulgar a literatura, logo fomentar a leitura. Em geral, os acadêmicos escrevem crônicas (poemas, textos diversos) nas quais manifestam suas inquietações sobre os processos antidemocráticos e repressivos na sociedade, e a AEL, anualmente, no seu projeto de Incentivo à Cultura Literária, com o apoio da Prefeitura Municipal de Vitória, tem publicado livros de escritores “clássicos” do Espírito Santo, em reedição, revistas e *Os escritos de Vitória*, este com temas anualmente variados, mas com participação de autores da comunidade. Essas obras são lançadas e distribuídas gratuitamente à comunidade.

Além disso, AEL tem o projeto *Academia vai à escola*, com o apoio do Governo do Estado. Um acadêmico vai a uma escola pública da periferia, em que, frequentemente, os alunos foram estimulados a ler a obra daquele acadêmico, antes de sua ida, e fala da academia e de temas relacionados à literatura e eles são questionados pelos alunos.

A AEL promove concursos literários para a comunidade em geral e para escolas públicas.

A Academia Feminina Espírito-santense de Letras (AFESL) também promove concursos literários nas escolas, as acadêmicas vão muitas delas contar histórias para as crianças e já houve uma participação, e com concursos, nas penitenciárias do Estado. Era um estímulo à leitura. Funcionou por uns três anos. Depois houve mudança de governo e de política e o projeto foi paralisado.

A ABL tem um projeto de ações que levam livros às penitenciárias. A AFESL, AEL e o IHG organizaram feiras literárias com o objetivo de estimular a leitura e tornar conhecidos os escritores capixabas.

N.A.L.B.: Em sua trajetória como docente, a senhora testemunhou diferentes momentos políticos pelos quais a universidade pública brasileira precisou atravessar. A partir de suas memórias sobre esses diferentes estágios, como a senhora observa o papel da universidade no contexto atual, em que a legitimidade do discurso acadêmico é seguidamente relativizada?

E. A.: Seu questionamento implica uma amplidão de resposta, pelo próprio significado de “universidade”. Há o aspecto do seu governo e divisões (Reitoria), dos participantes de seu andamento (Funcionários), dos seus usuários (Alunos) e dos seus atuantes (Professores) e, nesse percorrer de mais de meio século em que por ela ando, muitas mudanças ocorreram que orientam os seus gestores e participantes. E, parece-me, o papel da importância da universidade num contexto governamental e social como um todo tem sido colocado por um menor pedestal que no passado. A universidade já foi bastante elitista, lugar de alguns poucos privilegiados. As políticas que alteram esse quadro, mudando o ingresso para permitir que os menos privilegiados socialmente tenham acesso a ensino de qualidade são urgentes e necessárias. Não se pode conceber que a divisão entre as classes continue tão violenta e aos responsáveis pela educação cabe tomar as medidas para que as políticas do ensino superior atendam aos interesses da população como um todo. Há um pouco de cegueira ou areia nos olhos na cúpula política, no referente à Educação.



A autora Ester de Oliveira (Foto de Gustavo Rodrigues Vieira de Oliveira).

N.A.L.B.: No texto “Pão e circo”, publicado na página *Debates em Rede* durante a pandemia da Covid-19, a senhora oferece suas memórias ao leitor, afirmando que “no tempo que vivemos agora, com um cenário político-social desanimador, sinto que uma viagem pela minha meninice pode trazer algum alento para corações e mentes.” Não sabemos o que nos aguarda após a pandemia, mas como a senhora poderia nos ajudar a refletir sobre o papel efetivo e potencial da literatura e, de modo geral, da arte nestes tempos de distanciamento social?

E. A.: Talvez a literatura nestes tempos de pandemia tenha efeito eu diria mesmo terapêutico, assim como as artes (pintura, teatro e música). O ser humano precisa de pão e poesia (arte) para sobreviver com dignidade. (Creio que é mais ou menos isso que quisemos dizer no texto “Pão e circo”.) Diariamente leem-se textos: poemas, crônicas e comentários ou sugestões de leituras de romances, no Facebook, WhatsApp, *lives*, sites e e-mails. Com isso, estimulam as pessoas em quarentena à produção e quem sabe teremos na saída desses casos algum fio de esperança de gente mais sensível.

Debates em Rede

publicidade

CAPA ECONOMIA POLÍTICA CIÊNCIA POLÍTICAS SOCIAIS AMBIENTAL RESENHAS CULTURA VÍDEOS

Buscar

CRÔNICAS & CONTOS

CAPA > CULTURA > CRÔNICAS & CONTOS

26 MAI 2020

PÃO E CIRCO

f t in

Por Ester Abreu Vieira de Oliveira*

A falta de entretenimento social, a constante e obrigatória permanência em casa, a solidão, a reviravolta na vida cotidiana provocada pelo mundialmente conhecido, o minúsculo coronavirus, que provoca a pandemia covid-19, é o tema que domina as falas atualmente. Para fugir do assunto entristecedor do momento, pode-se recorrer à memória de acontecimentos venturosos, pois o pão e o circo alimentaram e alimentam o público. Distribuí-los é atitude política ancestral, ricamente comprovada

publicidade

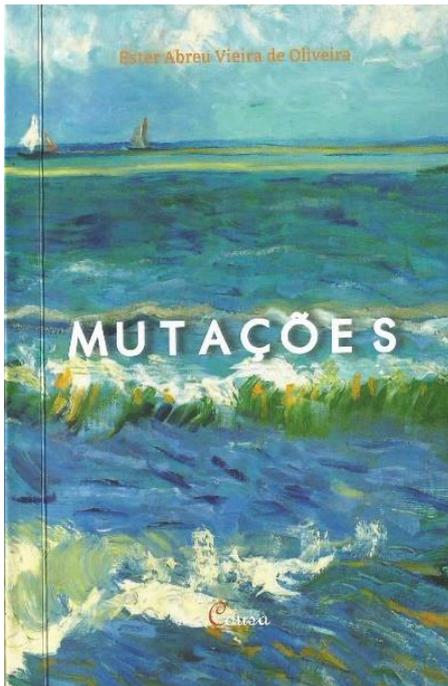
Print da página de *Debates em rede*, em que consta “Pão e circo”, de Ester de Oliveira.

Mas neste período de pandemia muitos escritores produziram. Há excelentes produções de romances, antologias, ensaios e livros de poemas. E um fator que alterou o conhecimento de teorias literárias, escritores, de vários lugares, uma internacionalização da literatura e das artes foi a intensidade, que levou o período, de *lives*, com palestras, aulas, debates e até lançamento de obras.

N.A.L.B.: Nos últimos anos, o Brasil e o mundo têm presenciado o fortalecimento de ondas reacionárias que trazem matizes autoritários, opressores, fascistas, racistas, misóginos e homofóbicos, frequentemente alimentados por fatores de ordem política ou religiosa. Gostaríamos que a senhora nos ajudasse a compreender: onde estava guardada tanta monstruosidade? Houve um ponto ou marco crucial para a detonação de uma circunstância como esta que vivemos hoje? O que a senhora imagina ou espera como desfecho do atual estágio da humanidade?

E. A.: Temos que olhar esse contexto com um pouco de calma, talvez, pois no decorrer dos séculos a história tem nos mostrado períodos atroz de autoritarismo e a amenização deles: Roma em seus circos, Japão sob o domínio chinês, Europa no processo da Inquisição, África sob o poder europeu, Alemanha nazista, a Itália fascista, o Brasil sob o domínio militar e outros países americanos sob a tutela de poderes. Depois de um pico retoma-se a paz (por um tempo, pois o círculo é permanente do homem-fera ressurgir).

N.A.L.B.: Seu último livro publicado, *Mutações* (Cousa, 2021), é composto por poemas arquivados em seu repositório digital e selecionados a pedido de Saulo Ribeiro. Com que frequência a senhora continua escrevendo? Podemos esperar mais publicações inéditas?



Capa de *Mutações*, de Ester de Oliveira.

E. A.: Tem uma editora que está me solicitando organizar uma obra ensaística com ensaios meus sobre a literatura hispânica. Acredito que tenha mais de uma centena de trabalhos, e bastantes publicados em anais e revistas. Mas não estou com tempo de fazer esta seleção e digitar. Na Formar Editora está para sair a obra infantil *Um domingo na casa da vovó*. Tenho escrito alguns ensaios e contribuo com poemas e artigos em revistas e jornais, daqui e de além-mar. Bem, sempre perto da gente tem um papel, um bloco em que a gente joga algumas palavras tentando expressar o que no momento sentimos de prazer ou saudade. Isso a gente vai deixando, porque se escreveu desabafou. Talvez se alguém venha solicitar textos e a gente sentir amizade sincera no que pedem, quem sabe, pode breve sair alguma obra poética. Mas o tempo está muito curto. Participação em antologias poéticas é mais fácil.

Referências:

BARTHES, Roland. *A preparação do romance II: a obra como vontade*. Notas de curso no Collège de France (1979-1980). Trad. Leyla Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

OLIVEIRA, Ester Abreu Vieira de. *Português para estrangeiros: 31 lições*. Vitória: Edição da Autora, 1981.

OLIVEIRA, Ester Abreu Vieira de. *Iberia dividida*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida/Ufes, 1988.

OLIVEIRA, Ester Abreu Vieira de. *Momentos*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida/Ufes, 1988.

OLIVEIRA, Ester Abreu Vieira de. *O mito de Don Juan: sua relação com Eros e Thanatos*. Vitória: Edufes, 1996.

OLIVEIRA, Ester Abreu Vieira de. *Metapoemas: a poesia em torno de sua própria tessitura*. São Paulo: Opção, 2017.

OLIVEIRA, Ester Abreu Vieira de. *O lagarto amedrontado do jardim*. São Paulo: Opção, 2018.

OLIVEIRA, Ester Abreu Vieira de. *Uma família feliz*. Vitória: Formar, 2019.

OLIVEIRA, Ester Abreu Vieira de. *O coelhinho e a onça*. São Paulo: Cajuína, 2019.

OLIVEIRA, Ester Abreu Vieira de. Entrevista concedida a Letícia Malloy, André Tessaro Pelinser e Vitor Cei em junho de 2020. In: CEI, Vitor; PELINSER, André Tessaro; MALLOY, Letícia (Org.). *Notícia da atual literatura brasileira II: entrevistas*. Vitória: Cousa, 2021, p. 58-68

OLIVIERI-GODET, Rita. Mapeando a pluralidade da produção literária brasileira. In: CEI, Vitor; PELINSER, André Tessaro; MALLOY, Letícia; DELMASCHIO, Andréia (Org.). *Notícia da atual literatura brasileira: entrevistas*. Vitória: Cousa, 2020. p. 5-6.

Recebida em: 10 de março de 2022.
Aprovada em: 17 de outubro de 2022.